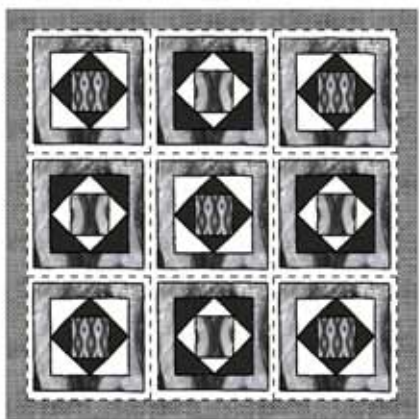


ACULTADAS

—SUSANA SÁNCHEZ ARINS—



AQUILTADAS
Susana Sánchez Aríns

Susana Sánchez Arins
Estaleiro Editora, 2012

Associação Cultural Estaleiro
estaleiroeditora@gmail.com
www.estaleiroeditora.org

Revisão:
Vítor Suárez Díaz e Marcos Abalde Covelo

Desenhos:
Hortensia Fernández

Paginação e desenho:
Nadina Bértolo

Impresso em:
Sacauntos

Depósito Legal: C 1658-2012



És libre para copiar, distribuir, exhibir e executar a obra,
sob as seguintes condicións:



Atribución. A utilizadora debe dar crédito à autora original,
da forma especificada polas autoras ou licenciantes.



Partilha nos termos da mesma Licença. Se alterares, transfor-
mares ou criares outra obra com base nesta, só poderás distri-
buir a obra resultante através duma licença idéntica a esta.



Uso Não-Comercial. Não podes utilizar esta obra para fins
comerciais.

sou um fio que desce de *elena buscalavida*

*para a minha bisavó
mãe lavadeira e solteira*

*para todas as mulheres que
[a tenham encontrado ou não]
continuam a buscar a vida*

*o olho que dirige a agulha nos delicados
mesteres do bordado serve igualmente
para bisectar uma estrela.*

MARIA MITCHELL

*MAFALDA: mas assim é a história, homem! como queres que
cha aprendam?*

MIGUELINHO: para adiante!!

QUINO

*não cantamos para esquecer
nós cantamos para lembrar*

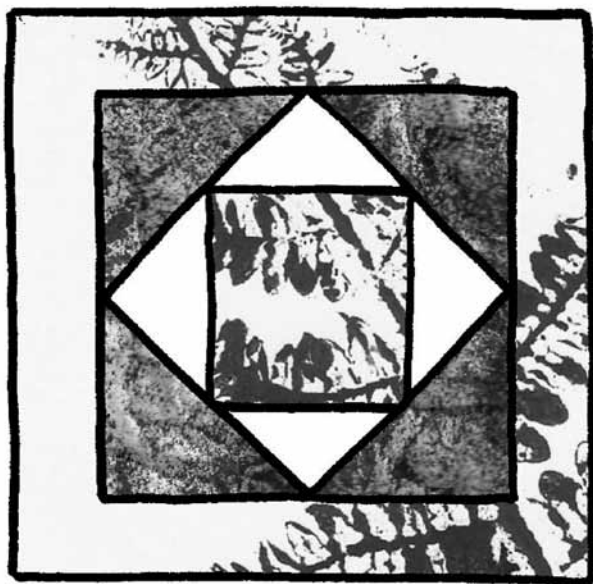
FAUSTO

*as imagens da mulher na literatura popular são muito
mais ricas de matizes e estão muito menos unilateralmente
determinadas polos projetos dos homens que as da literatura
escrita.*

RIA LEMAIRE

*a arte não é só para uma mesma. é também um mapa para as
gerações vindouras.*

CLARISSA PINKOLA ESTÉS



PONTO NATURANTE

água

sou a água que vai da nascente ao cano
do cano à bilha
da bilha à sua mão
da sua mão à tua boca
mas escorrego

paff

e caio como suor no chão recolhes-me com o esfregão
e desço polos esgotos percorro sumidoiros
que levam do regato ao rio ao oceano
à nuvem à chuva à cova ao poço
e entro num balde e contemplo o mundo
todo
do alto testa de rapariga
que me carrega
porque lá não há canos
eu mesma sinto o peso e o muito trabalho
água que repousou nos teus lábios.

patchwork II

mãos desfiguradas pola artrite
polo trabalho do roçamento
mãos recentes incompletas
mãos trilhadas escoriadas
 com enrugas

mãos sem tentos que nem sentem
de tantas voltas submergidas
na água no frio na calda

mãos que desfianham as febras
de lãs algodões linhos
 de sedas

são muitas e diferentes
mas na trama fam tecido.
as mãos. as anónimas.

camposanto

as viúvas tinham proibido visitar os mortos
e atiravam flores por riba do muro
flores agachadas sob negro mantelo
flores da memória adoçando o cal vivo
flores só celebradas por aves de rapina

passavam lentas, tentando as pedras com as gemas dos dedos,
escrevendo mensagens braille com o tacto das mãos, a testa baixa
ocultando o orgulho, a tensão do músculo mastoide, sensíveis a
qualquer olhada, a qualquer murmúrio, e zás, atiravam a flor por
cima do muro, folha voandeira, homenagem secreta aos mortos
anónimos, fundidos num só morto na vala comum

flor de vida que pouosa
lenta e dançarina
nas caveiras recônditas
que antes foram
cerna semente futuro

carapuchinha

para pilar, que tem feito esta viagem quando nena

foi nos tempos de maria castanha

e outra manhã o mesmo caminho
que vaia a menina com a sua candura

e uma cestinha de viandas atestada

pão de boroa pisca de toucinho

um caldinho que há chegar morno

e outra manhã o dia nascendo

sair do rueiro laganhas nos olhos

passar rente o moínho e seguir

o peso da cesta um golo na fonte

os pés de lama cobertos espidos

apanhar umas flores amarelas

e outra manhã chegar a cesantes

e buscar barqueiro que cruze o mar

há em sam simão preso um avó

camisas azuis vestem os lobos

vénus de willendorf

deusa da fertilidade ideal beleza
rainha e senhora a mãe terra
no parto amuleto e na morte
simplesmente

a boneca duma menina
a espaventar medos na cova.

janis joplin

através da agulha enfias

bessie smith

através da agulha costuras

pérolas de dor

através da agulha sangras

cantos no bordel

quem o [~~micro~~] fuso che entregou

injectou com ele o veneno

heroína

fô o fio

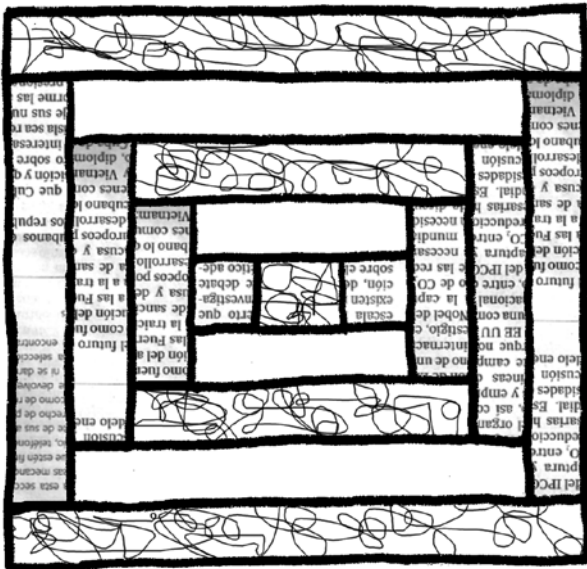
uma bela adormecida

o desenho do bordado.

campo de refugiadas

no arame farpado
areja branco tendal

e desenha a cândida bogada
a limpa bandeira precária
duma matéria em construção.



PONTO HISTORIADO

diazepám

vou-no levando

a carga da roupa que muito pesa
na cama por mudar no roupeiro
recém nascida da lavadora
toldando este corpo que também pesa
e tanto

vou-no levando

as crianças enredadas nos pés
puxando de mim maçã imadura
impedindo a fuga o salto
o voo

vou-no levando

as dilatadas ruas e diáfanas
como oceanos incontáveis
e a instantaneidade da náusea
o mareio

vou-no levando

o dia calculado em fastios
os fastios em aflições
[sessenta em cada]
cada aflição em sessenta
medos

uma dose é avonda

as vestiduras viram levianas
as crianças soltam amarras
as horas são medidas em minutos
uma névoa esvaece os limites
do passeio

vou-no levando.

seca

sinto urgências de poesia
e não saem os versos
anegam-me as palavras
como areia
mas o sacho não atende
a água é tanta e o esterco
mariscam as sequeiras
eu aprendo
é só aguardar que o mar se retire
caneta pronta.

camarinhas

no pano das arras o dia do casamento
no lenço que acolhe corpos espidos embrunhados
corpos doentes em febre em inchaço
no bafeiro que engole babinhas de bebé
de beba o leite do peito após amamentar
no cortinado que vira vidros em intimidades
na toalha que explora costas que percorre coxas
que visita virilhas de saibo asseado
na outra toalha que assiste a disputas
abraços pelejas reencontros
domingo de cozido entre taças de caldo

eis podes encontrar o bater rítmico
destas gemas de rendilheira
latejar de bilros percussão de linho
atestando a verdade do lar.

lésbia

nem ventos em contra
nem correntadas
nem faros extinguidos

nem acesos fochos
em cons vertiginosos
[a soçobradas pretender-nos]

logram um rumo desviado
no amor
com que me correspondes.

25 de julho

acabado o almoço
 a família dispersa-se
 dissipada
 na sombra dum sofá
 antidistúrbio

mamá fica sozinha
 no avanço
 da força de ordem
 avental no peito
 proteção contra os golpes

recolhe a mesa
 sacode a toalha
 esfrega os pratos

recorre as estâncias
 apanhando os restos
 da carreira

roupa estrada
 ao quarto de lavado
 -denantes mortos que escravos
 canta uma camisola-

aspira as migalhas
 percorre com um pano as estantes
 seca no banho restos de duches
 reparadores terapéuticos
 -muito corremos mamá-

bota um pito na janela
 na rua risos berros palavras de ordem
 entanto aguarda o fim
 do centrifugado
 —cuidado com a lixívia na do ché—

não pode evitá-lo
tenciona mas não pode
e um sorriso giocondeiro
acompanha as proclamas
sussurrando mui baixinho
sim sim por favor sim
independência já.

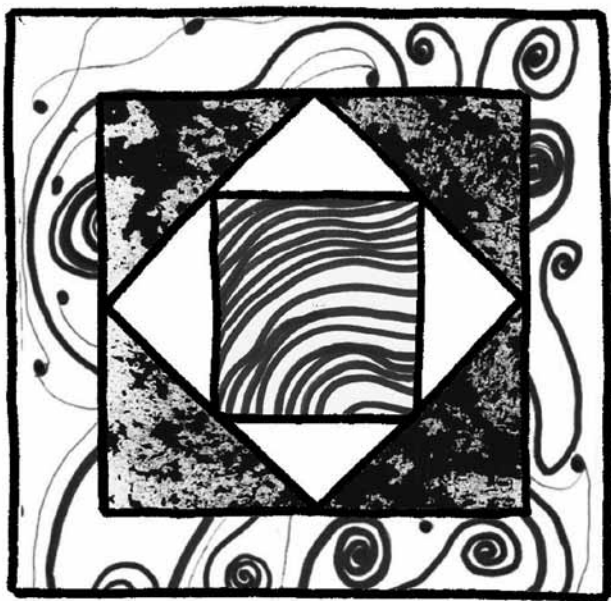
patchwork III

cobertor que quece
acoubante acovilho
abano de lã ou poliamida
tornando pantasma
coxim repousadeiro
abrigo envolvedor
é a costura
que gandra o ofício
manto expiatório.

ouriça

os poros exsudam aguçadas cerdas
viro para dentro e aí permaneço
só notada na leve picada e infecciosa
alheia aos perigos da rapina do afeto
é inútil o esforço de fazer-me bola

as espinhas não resistem as rodas os pneumáticos
de entranhas afiadas está impregnado o asfalto.



PONTO FABULEIRO

malitzim

fui má e depois chorei

por atraiçoar fui má

má porque me vendim

má por não ter lutado

porque pus um tirano

quando quis tirar outro

pérfida e danada

má por dar de presente

ao vencedor uma língua

mas logo chorei

chorei por todo o perdido

filhos pátria voz

cruza a esta banda do rio

tu não serias má?

passa a esta margem do mar

não terias tu chorado?

deusa

o meu reino é meu

SOPHIA DE MELLO BREYNER

nesta manhã eu recomeço o mundo:
desfago o mal feito
e a gênese é de novo.

Ela e Ela aparecem sem nome
fugindo juntas do éden antigo
venhem à beira do meu silêncio
da cegadora luz que desapareço
da superfície que tinjo em lamacenta
e dormem calmas
na comissura estreita deste verso.

urbana

quigem vestir a cidade
 e a cidade estava encoira
 privada de todo vestuário

não podem ocultar-me
 no quebradiço reflexo
 das montras das poças de água na pracinha
 das fachadas transparentes de prédios altos
 como pássaros sem ninho

não podem pendurar os meus medos
 dos faróis dos guindastres de novas construções
 da fiambreira com sanduíche do alvanel no nono andar
 das hastes sem bandeira de edifícios oficiais

não podem cobrir a minha mudez
 com balbordos de *coches de linha*
 martelos hidráulicos sereias de alarme
 com o ar comprimido em uma e todas
 as laringes desguarnecidas

não podem envolver o meu corpo
 espido nu acristalado
 entre as gentes que iam e vinham
 de semáforo a semáforo
 do passeio da rua ao quase atropelo
 verde âmbar corre que vira encarnado

não podem arroupar-me
 nos vidros estilhaçados
 nos automóveis oxidados
 nos contentores arrombados
 nos muros pespontados
 por fermosas granadas de mão.

passei frio toda a vida.

patchwork I

afasto o labor como paisagem
e descubro a minha história
agulha que entretece os pontos.

cantiga

quero que me abrases quando chegues
como abraça o vento as canaveiras

agora estou só e quero-te tanto

choro dos meus olhos grande pranto
por nada e por todo por vires
porque cantes o meu nome muitas vezes
tantas que se gaste como as penas
que vire brisa e na noite sopra
e brincando enrede entre as ervas

quero querer-te e que me queiras

quero que me chuches e me achuches
quando seja o tempo das abelhas
quero que me apertes quando arribes
no eco do meu canto de sereia

quero que chegues algum dia

molham os meus olhos doces bágoas
por todo e por nada porque venhas
por chegares e me apertes e me abrases
tanto que me saibas toda inteira
por dentro e por fora lambendo-me a terra
como sabe o vento as canaveiras

quero que queiras que te queira

quero que sementes nestas veigas
o leve vinho que o teu corpo escança
e bêbedos os dous no nosso leito
cresçamos os fritos e as fragrâncias

quero que me orvalhes luz de estrelas
medram no meu seio fundos medos
a nada e a todo a que venhas

a que esqueças o meu nome e o meu canto
a que abrases sem paixão e sem firmeza
a que deixem de saber-te os meus beijos
como sabe o vento às canaveiras.

lavandeira

ai se pudesses valer-me
soldadinho que cavalgas
tu que sempre vés ao rio
e por vezes me acompanhas
se antes tu me beijaste
agora bem me ajudaras

retorce comigo o pano
o lenço branco de holanda
que ando a esfregar nele
desde essa noite agostada

mas este lenço menina
este lenço não tem água
o tecido pinga sangue
ressuma escarlates báguas
por volta das tuas pernas
as poças são encarnadas

mas que figeste menina
por que lágrimas derramas
de que prístina criança
me dás a enxugar mortalhas.

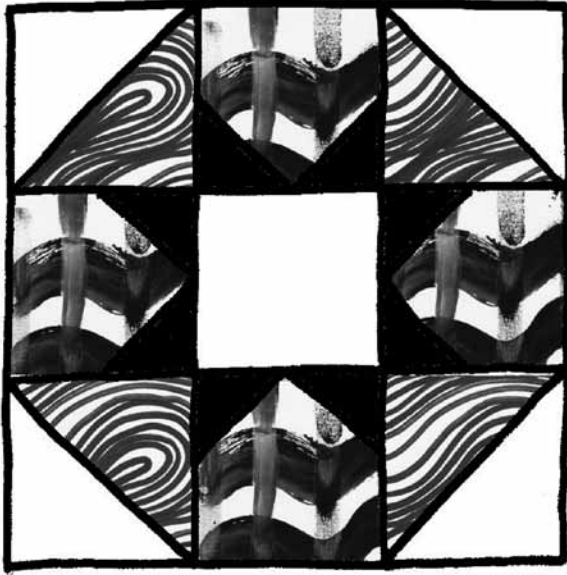
história

no início foi a palavra.

seguírom-lhe lume e conversa
vasilha que traz água guarda grão
agulha que tece e rejunta feridas.

só depois chegarom cuitelos
machadas lanças espingardas
bestas fusís bombas em ácio.

só depois.



PONTO LABORIADO

harpia

entras saes vas e vés
excêntrica veleta
não há quem che tussa

ai que lúrpia

és insolente incorrigível
disciplina não existe
que te encaminhe

ai que lúmia

por que não te arranjas
por que não te pintas
tam desastrada
quem há que te escolha?

ai que lúrpia

descarada embriagadora
hipnotizas
que perversa
límpidos homens coitados

ai que lúmia

ardilosa medusinha
usas de armas outras
monstruosidade escondes
nessa risada obstinada

ai que harpia.

rosinha dos parques

é dizer, rosa parks

pensas na singer nas encargas
pensas na ceia por fazer
pensas que amanhã ainda é outro dia

sentas e escuitas vozes
agulhas cravadas como gritos
nos dedos nos olhos nas tempas

amarras-te ao bolso aferras-te a nada

não é protesto não é um gesto
de raiva rebeldia

é apenas que estás cansa

tam cansa.

ao voo do papagaio

para luisa villalta, precursora

eu sou da caste das mulheres
que nunca ham de ser casadas.
da caste das mulheres aviltadas.
não prano as patacas na coitela dos dias.
lavo prendas sem dono em águas de arrimo.
bebe os meus caldos aquele que assinalo [só aquele que assinalo].
a minha casa o bordel. o meu cárcere.

sou da caste das mulheres indecentes.
não dou rendimento nem lucros residuais.
não sou guiada ao altar na oblação devida
a deuses de cobiça ardente e bocas degoradas.
não me esfarrapo em regras eternas que dam herdo.
não se arrincam de mim filhas que ham ser de outros.
rudas me alimentem e desnaçam escravas.

sou da caste das mulheres aviltadas.
a mais puta das putas.

se tam sequer arrefriasse virilidades em troca de moedas.

alzheimer

aquilo que escrevo são só
retalhos do que podem

antárctida

para chus lago

eis estás
única ergueita andante
na vastidão gelada
de um deserto em água
com o acompanhamento absoluto
só do silêncio só da loucura.

ode fundacional

os tempos são chegados
 de que? dos bardos? das idades?
 de violentar raparigas
 polo ermo e a gândara?
 do brio arrincar-lhes
 com gadunhas senhoritas?
 só podó imaginar / ó vate ousado /
 abesoiro raposo açor montesio
 o rosto gélido das tímidas donzelas
 de longo a longo na costa verdecente
 a fugida apavorada entre urzes tojeiras
 a fouce aguçada prestes para a segada
 do érvedo em sação da chorima branda
 o rumor implacável do teu *plácido* fungar

 viva a afouteza o vigor a soberba
 viva o intrépido passado do agreste celta
 só para o rapineiro dono da terra.

 pobres escravos covardes mulheres
 estamos à espera de que abram tempos
 de chovermos uma outra pátria a nossa.

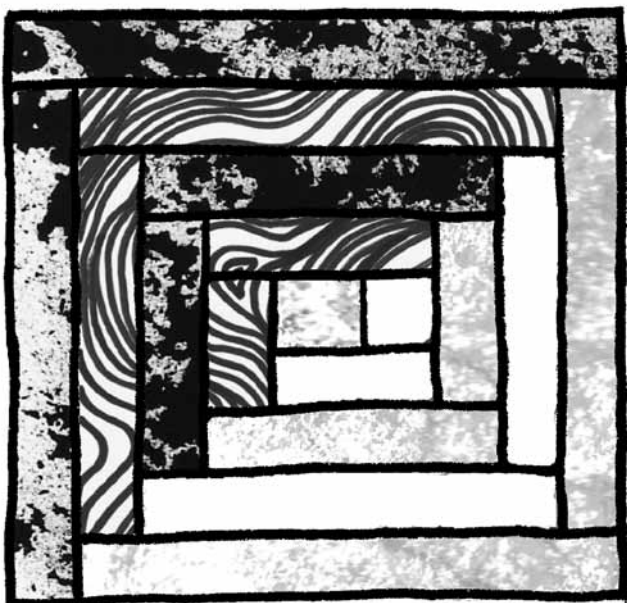
singer

fora metáforas não são precisas
nem imagens de vidas costuradas de pontadas
nem tropos de olhadas enfiadas em bainhas

porque a agulha que pesponta
virginais mantos túnicas
enxovais de noivas e castas
é a mesma agulha que de madrugada
remata

bolsos ocultos a viajar manifestos
panos de repúblicas bandeiras

porque a ángela de teis a protestante
foi-lhe confiscada a máquina de coser
combativa espingarda fusil de assalto
não metáforas não são precisas.



PONTO COSTUROSO

ventureiro

não haverá serviço para ti na mesa
nem louça nem madeira nem argila

pagarás com frieiras a manutenção o compango
cada uma das culpas que o menino¹ celebra

porque é no fogar² que a infâmia começa.

1 daremos-lhe o nome no teu silêncio / tecemos nós os destinos / tu as roupinhas

2 a sós ficarás na cozinha o dia do patrão / em festa nem afago / erma de amigos

curandeira

para camino viver nas cinsas

vém, traz cá a ossamenta
esse escalavro que anda
traz cá, eu sou a compostora.

chegou, é a hora da dança

vem, traz cá esses pensamentos
imagens tuas em mortalha
traz cá, eu sou a compostora.

chegou, é a hora do jogo
vem, traz cá esse esqueleto
essa desmaiada cartilagem
traz cá, eu sou a compostora

chegou, é a hora do canto

vem, traz cá o sonho furtivo
o teu talento dissonante
traz cá, eu sou a compostora

chegou, é a hora da palavra

vem, traz cá a pausa demorada
esse relógio sem medida
traz cá, eu sou a compostora

chegou , chegou a hora,
cavo a terra, rejunto os ossos
renasce a vida.

ariadne

a uma espiral táctil em andamento
busca recantos de preferência
nas sombras dos meus peitos
um fio de audácia leva ao bico
e alça testeira a cornadura
a volúpia toda em labirinto.

desnorteada

como minhoca numa caixa
de sapatos de cereais de pílulas
como minhoca sem terra que romper
sem tampa de coca-cola
que alguma pirata criança soterrou
sem o clipe pe e a moeda desprendidos
de algum bolso sem húmus das outoniças folhas
como minhoca mareada na vertigem
duma pinguinela que não para não para
ausente de raízes de cordas
onde amarrar o anelídeo corpo

como solitária minhoca extraviada
sumida no ar baleiro
duma caixa de cartão

ou de veludo tanto tem.

presa

a morrinha é um pátio
à frente ilimitado

tinjo em azul os muros
na areia um tendal fantasio
cândida bogada além das grades
roupa pendurada a secar
a cantar
floresço roseiras
alcanço a ouvir longínquo
ruído de crianças
balbor no recreio

igualmente estou cativa
mas sinto menor a condena.

walpurgis

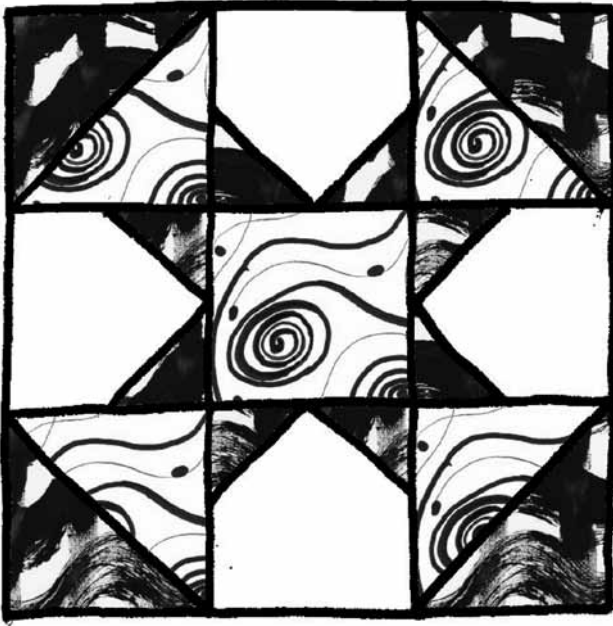
é com vós ancestrais deusas
que aprendim a dançar
os sapatinhos vermelhos
sem medo da música.

lyndie england

andas errada
não busco mudar os saltos
por militares botas
mas dançar ouvindo as dedas
a expandir-se

não busco oprimir
vitimadas gorjas
com severa sola e toda a força
mas na terra fundear
os pés e fazer raiz

não busco fixar linhas
no chão
alfândegas de moral insuspeita
mas caminhar o caminho
deixando atrás
centos de farangulhas
sempre descalça.



PONTO AFAMADEIRO

condesa báthory

sou erzébet a dama branca
em sala de suplício confortei-me os adentros
dona que no seio abriga cem fouchinhas
sal que banha castas estátuas e púberes
sim essa sou eu.

parca albina a travar corações
alma atravessada em agulhas é a minha
com cinzas adubo rubros corredores
humores virgíneos vingam-me a beleza
ouh sim ledes bem

a fermosura tem estas traseiras
o meu carapucho encarnado
não é mostra de candura
precisamente.

da escola II

as mãos sobre mesa
palmas mostrando o céu
junta os dedos todos
quero ver as gemas
hei bater até chorares

também esta foi a minha mestra.
a dor a sua aprendizagem.

sindicato

fundo desde já o sindicato das eiras
das mulheres muitas e sem nome
que lavram o quotidiano
da paisagem

que estendem a roupa mais branca
nas traseiras da casa
que limpam cocem escabeçam
sardinhas colhidas no mar
que tecem panos lilás com restos
da ventura de outros

costura das eiras cerzindo na noite
leite das eiras anunciando o almoço
ramo das eiras lavando lascívia

eiras que me acompanham
e para quem reclamo
o cumprimento
deste convénio coletivo:

que quero que guardem um nome
no rueiro da vila
que quero que gocem
um incremento percentual
de sombra nos bancos da alameda
[que sentem a descansar]
que quero que computem para a antigüidade
as estrias cavadas em cada gravidez
que quero que tenham um feriado
que seja domingo sem cozinha nem vasoira
que quero a contratação indefinida
da dignidade arrebatada

o diálogo é possível.
também a greve.

fuga

não é tão complicado
é só deixar ir o cuitelo
quando picas a cebola
é só deslizar o fio
ao pranar as patacas
não
não é tão difícil.

corín tellado ou da educação sentimental

encontro inesperado / ou desejado. armadilha de amor.
aguardava por ti. diz-me que não cheguei fora de tempo.
estavas sozinho. momentos de silêncio. a laçada invisível.
sagacidade de namorada. paixões e dúvidas. submetida.
ganhou-me a felicidade. angustiada escravidão / e odiosa.
sabia-o. malditos beijos. agora sim percebo. raiz amarga.
desconcertante revelação. íntima inquietude. posse.
confusão e orgulho. entre nebulosas. essas grises sombras.
separam-nos os ciúmes. calei por não danar-te. inútil sacrifício.
coração de chocolate / indómito. o teu pecado condena-me.
deixa-me viver. marcada para sempre. destrói-me **depois**³.

³ e só de quando em vez fruto proibido. retalhos de prazer. / erótica atração. quero ser como sou: / prefiro o sexo.

a loba

alço as orelhas ao vento
escuito rumores apagados
sigo as pegadas nas poças
sinais na lama no carreiro
ulo as pelugens enleadas
o sémen o sangue seco
na cortiça as rabunhadas
os girões de carne e pele
suspendidos das pólas.

busco a palavra que me precedeu.

novo mundo

daquela que coseu
pontada no pano
pontada no vento
deixando vista e lombo
nas velas da descoberta

todo o ignoramos.

daquela que entrançou
esparto e cânhamo
edificando uma viagem
de cabos driças escotas
nas calosas mãos e gretadas
a crónica nada diz.



PONTO ESCONDENTE

maus tratos

— por que lho sofrias avó?

— e que podia fazer eu menina? que podia fazer?

adivinha

*para mamá, que cada domingo
amamenta a manada*

que cousa cousinha é
poliméricamente formada
que além da trintena
segura a camada
que crianças e mamai engata
qual cordão umbilical?

a fiambreira

murmuradora

alimento cobras como pombas
bichas às que dou milho
pão seco e duro
em leite molhado

sentada no banco
deste jardim qualquer
contemplo a obra
a bandada admiro

vejo-a crescer

estender-se

multiplicar-se

chegar aonde eu não chego
sentada aqui neste banco
numa qualquer alameda

nutre-se de mim a imundice
que azeda a beleza
os nomes
a dignidade das estátuas.

sereia

*Pelo canto das sereias
Perdem-se os navegantes
Perdem-se os homens na terra
Pelo canto dos amantes
CHOUTEIRA/POPULAR*

atenta ando ao canto
ao canto do navegante
que me enredou na malha
e fez de mim sua amante

marinheiro que talhou
a minha cauda dançante
amarrando-me a este com
com pernas de caminhante

eu os caminhos não sei
nom pisara terra antes
este gemido é memória
da cicatriz aldrajante

e tu acreditas que ironia
o meu canto enfeitizante
quando é berro de cativa
escrava de amo errante

hipátia

*o preço que ham de pagar as raparigas
com rabo de peixe para adquirir umas pernas
brancas é levar a pele cosida a puntadas*

SILVIA PLATH

sem cauda de laminar peixe
igualmente sereia
expiou o apetite sabedor
com uma pele dilacerada
em caracóis aguçados nácares
virados sílices cavernosos
e aos abismos tornamos.

criatura

*tempinho tempom
para crescer-te
tempinho tempom
para criar-te*

tempinho tempom
levedo um poema
tempinho tempom
guardado no colo
tempinho tempom
amparo-o no sonho
tempinho tempom
acolho-o nos braços
tempinho tempom
repousa nas covas
tempinho tempom
de mãos traçadoras
tempinho tempom
engorda tam pouco
tempinho tempom
calma acougo
tempinho tempom
de noz barrigocha
tempinho tempom
livro uma ideia
tempinho tempom
nasce a palavra

*tempinho tempom
para crescer-te
tempinho tempom
para criar-te*

safári

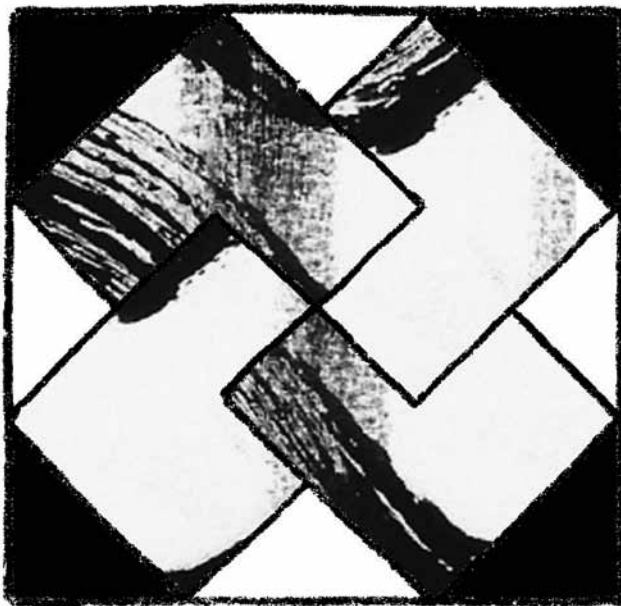
uma expedição pola tua vila
 e não por terras estranhas.
 tira da paciência e diligente
 a formiga pode ser vista.

caminha uma rua. de vagar.
 ausculta no silêncio. atende.
 não deixes de passear. calma.
 pode que escuites um rumor.
 um surdo bramir. apagado.
 comboio que freia. engrenagens.
 atende. pega a orelha. pode ser.
 grande portal. garagem familiar.
 muro sem recebo. bem pode ser.

aguarda. espreita. chegada uma hora
 uma porta será aberta. escassamente.
 o justo para uma mulher sair. aguarda.
 não é esse o despojo da vitória. calma.
 já dizem. é preciso paciência.
 dous minutos. outra mulher. só uma.
 sempre outra. sozinha sempre.
 e depois outra e outra e outra.

eis o está. o formigueiro. e as escravas.
 não na china não. não na índia não.
 cá mesmo, cabo do garagem familiar.
 cá mesmo, inadvertidas como insectos
 coevas cativas costuram a moda

bresca zara levi's camper massimo dutti
 que faz da tua pele ferida aberta
 da tua roupa formigante cicatriz.



PONTO SUFRIDOSO

as meninas

após conhecer ruth matilda anderson

meninas de antano
carregárom leiteiras enormes
atendérom o pote na lareira
aferrárom-se a saias adultas
com íntimos pés e amedados
levárom na testa malas alheias
do comboio á fonda
da fonda ao comboio

para que uma infanta tivera
cam espelho artista no retrato
menina que lhe servisse água
em jerro de argila perfumada.

supergirl

fui fechada num quadrinho
e não dou fugido dele
congelada a dar um passo
congelada alçando o braço
congelada ao emprender voo

tu que me lês
tu que me vês
pensas que de voar estou num tris
acreditas que este pé vai saltar
que a capa há vencer a gravidade
com a força do meu punho

e não

estou congelada neste quadrinho
suspendida no tempo
sem ver nada na periferia
sem que os minutos passem
encapsulada entre quatro linhas
até a artista
voltar do almoço

a heroicidade guarda-a
quem me desenha.

solitária

este triângulo matricial
que deita todos os aromas
estas enrugadas que encirram memórias
estas mãos que trabalham
a sua própria arquitetura
o centro de todos estes pensamentos
para quem
para quem este canto.

da escola I

invernosa noites
tição na borralha
a esborranchar letras
lápiz de cinsa
para apreender o nome
chegado o verão
assinar a paisagem
como afamada artista
na borda de areia
com um pauzinho
orgulhosa da alcunha
nomeada no mundo.

clandestina

que ninguém saiba
que ninguém se inteire
que teu pai não ouça
que a teu irmão não chegue
que as vizinhas não sintam
ai que ninguém desvende
com a adequada pergunta

que perdure o segredo
como toupeira
fura furando
enterranhadas covas
oculto à vista
nos teus adentros.

yang huanyi

não era o teu o abano das princesas
esse que comunicava disposições de escrava
genuflexões perante o trono soberano

era o teu leque outro
assentado nos ombros das que antes o escreveram
propagando no ar perturbadoras palavras e resistentes
silêncios de subversão

um abano que traz a voz da mulher selvagem
desde o fundo dos tempos
até este cárcere esta casa
esta alcova.

o clam da cicatriz

levo as marcas de todas as idades
 a linha da cuitela nos pulsos
 a cova cesárea da que nasceu a vida
 o golpe cardeal a machucadura
 leite fervido correndo dos peitos
 escarificações rituais raspando os sonhos
 um dedo trilhado
 pele de laranja injectada em anestesia
 lostregaços de injúrias nas contras fechadas
 cotelos em carne viva chão esfregado
 geonlhos denegridos de agatunhar árvores
 jugular trespassada por sanguinhos caninos
 a surpresa infibulada a episiotomia
 enruga passada a ferro
 que apaga a marca da idade
 mas sou costureira / e cirzo
 cicatrizo as bocas de todas as feridas
 pesponteio cada corte num virginal bordado
 e é nessas tatuagens
 que reside a resistência.

O BORDADO

PONTO NATURANTE

água
ouriça
antártida
desnorteada
a loba
clandestina

PONTO HISTORIADO

vénus de willendorf
história
ode fundacional
novo mundo
as meninas

PONTO FABULEIRO

carapuchinha
lésbia
deusa
cantiga
ariadne
walpurgis
corín tellado ou da educação
sentimental
sereia
supergirl

PONTO LABORIADO

seca
lavadeira
curandeira
lyndie england
da escola II
adivinha
criatura
da escola I

PONTO COSTUROSO

patchwork II
camarinhas
patchwork III
patchwork I
singer
safári

PONTO AFAMADEIRO

janis joplin
malitzim
rosinha dos parques
condesa báthory
hipátia
yang huanyi

PONTO ESCONDENTE

campo de refugiadas
25 de julho
urbana
ao voo do papagaio
sindicato
murmuradora
solitária
o clam da cicatriz

PONTO SUFRIDOSO

camposanto
diazepám
alzheimer
ventureiro
presa
fuga
maus tratos

OUTRO DESENHO NO BORDADO

ÁGUA	PATCHWORK II	CAMPOSANTO	CARAPUCHINHA	VÊNUS DE WILLENDORF	JANIS JOPLIN	CAMPO DE REFUGIADAS
DIAZEPÂM	SECA	CAMARINHAS	LESBIA	25 DE JULHO	PATCHWORK III	OURIÇA
MALITZIM	DEUSA	URBANA	PATCHWORK I	CANTIGA	LAVANDEIRA	HISTÓRIA
HARPIA	ROSINHA DOS PARQUES	AO VOO DO PAPAGAIO	ALZHEIMER	NA ANTÁRTICA	ODE FUNDACIONAL	SINGER
VENTUREIRO	CURANDEIRA	ARIADNE	DESNORTEADA	PRESA	WALPURGIS	LYNNDIE ENGLAND
CONDESA BATHORY	DA ESCOLA II	SINDICATO	FUGA	CORIN TELLADO	A LOBA	NOVO MUNDO
MAUS TRATOS	ADIVINHA	MURMURADORA	SEREIA	HIPÁTIA	CRIATURA	SAFARI
AS MENINAS	SUPERGIRL	SOLITÁRIA	DA ESCOLA I	CLANDESTINA	YANG HUANYI	O CLAM DA CICATRIZ

ALGUMAS FIGURAS NO BORDADO

JANIS JOPLIN: foi definida de mulher-fera por *clarissa pinkola estés*. era mulher de enorme força criativa, força selvagem que não foi quem de controlar, ela mesma devorando-se acabadamente.

MALITZIM: conhecida também como *malinche* ou *marina*, foi intérprete linguística e cultural para a expedição que levou a hernão cortés da nada à tomada de tenochtitlám, lá por 1521. a sua pessoa é misturada muitas vezes com a protagonista da lenda de *la llorona*, própria da tradição oral americana, que eu conhecim pola versão musical de *lila downs*.

LAVANDEIRA: este romance é uma versão pessoal dum outro tradicional que eu escutei (e compreendim) da voz de *maria salgado*, no disco colectivo *la sal de la vida*.

ROSA PARKS: é a iniciadora do movimento de desobediência pacífica contra as leis da segregação racial nos usa. negou-se a ceder-lhe o assento no bus a uma pessoa branca.

PAPAGAIO: é o antigo bairro das putas da corunha, conhecido por mim só através do livro compartilhado por *luísa villalta e maribel longueira*.

ÁNGELA DE TEIS: podedes dar com a sua história mínima no poemário de rodríguez fer, *ámote vermelha*: passeada quando prenhada, os filhos fôrom separados, a casa saqueada, os bens queimados; porém, a sua máquina de coser não desapareceu, senão que foi requisada.

WALPURGIS: bruxas de origem viquinga ou celta, quem sabe.

LYNNDIE ENGLAND: soldada estadounidense condenada por ter torturado presos no cárcere iraquiano de abu ghraib.

CONDESA BÁTHORY: erzébet báthory foi uma nobre hungaresa conhecida polos sádicos crimes cometidos contra donzelas da sua comarca, na procura da beleza ideal. com certeza, há fontes que negam tal crueldade. eu cheguei a ela através de *alejandra pizarnik*.

CORÍN TELLADO: a escritora mais lida da literatura em espanhol, mas desvalorizada por escolher o gênero literário feminino por excelência, o romance rosa.

HIPÁTIA DE ALEXANDRIA: matemática, filósofa, astrônoma, derradeira diretora do museu de alexandria, foi assassinada de forma sanhuda por fanáticos cristãos.

YANG HUANYI: derradeira utente do *nu shu*, língua secreta das mulheres da região chinesa de jiangjong, com cujo silabário secreto decoravam biombos, leques e bordavam roupas.



eu

o meu nome é susana sánchez arins. nascim
no ano 74, pouco depois do 25 dos cravos, num
país que não chegou à liberdade pola revolução,
coisa que andamos a pagar as herdeiras desta
pseudo-democracia. levada por uma quase doentia
propensão leitora, figem estudos de filologia.
ponho escola no ensino secundário.

sou mulher, de aldeia e galega, e essas três
identidades marcam a minha personalidade com
força. ainda em riba saim poeta... actividade
autenticamente *subversiva* num mundo anestesiado
através do retorcimento da palavra e do discurso.
tenho dous poemários publicados, *[de]construcom*,
(espiral maior, 2009), com o que ganhei o Premio
Nacional de Poesía Xosé María Pérez Parallé, e *a
noiva e o navio* (através editora, 2012).

alzhéimer

*aquilo que escrevo são só
retalhos do que puidem*

—
estaleiroeditora.org